

Por Trás Do Véu¹

Behind The Veil

Mariana Nolasco de Souza²

Resumo: O artigo versa sobre a morte como parte da vida. Propõe uma reflexão sobre o morrer e interroga sobre as perdas inerentes ao desenvolvimento humano. Parte do entendimento que a morte é sentida de forma subjetiva, mas tende a alterar-se de acordo com o contexto histórico e cultural. As questões emergentes da contemporaneidade são abordadas na tentativa de compreendermos como se tem vivenciado a experiência da morte na atualidade. Evitar e ignorar a certeza da finitude à que a perda remete parece estar sendo a alternativa da sociedade. Pensar nestas questões de vida e morte e até apontar os caminhos possíveis para o alívio deste paradoxo e suas conseqüências resumem a aposta deste trabalho, que busca no uso da linguagem clara e objetiva ser acessível aos mais diferentes saberes.

Abstract: The article deals with the death as part of life. Proposes a reflection on the dying and wonders losses inherent in human development. Part of the understanding that death is felt so subjective, but tends to be amended in accordance with the historical and cultural context. The emerging issues are addressed in the contemporary attempt to understand how has lived the experience of death at the present time. Avoiding and ignoring the certainty of the finitude that the loss refers, seem to be the alternative society. Thinking in these matters of life and death, and even pointing the way possible for the relief of this paradox and its consequences summarizes the challenge of this work that seeks the use of plain language and objective to be more accessible to different knowledge.

Palavras-chave: vida; morte; perda; contemporaneidade.

Keywords: life, death, loss, contemporary.

¹ Artigo apresentado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, em 2007, como trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para obtenção do título de psicólogo(a) e teve como orientadora a professora Mestre Anna Maria Ruschel.

² Psicóloga. Endereço para correspondência: mar_yana@ig.com.br

A morte lembra ruptura, quebra, limite - perde-se entre o futuro e o passado - mas, fundamentalmente, é um entrelaçamento da vida. Ela incomoda, de maneira que preferimos não a ver. Ela, no entanto, insiste, reaparece: nas faltas, nas ausências, nos jornais, na TV, nas guerras, no vizinho, na traição, na miséria, na saudade, na mentira e na verdade. A sociedade imediatamente procura culpados e acha respostas: foi a mãe, o governo, a imprensa, o tempo, o trânsito, a idade, o vício. É Deus ou o diabo. É a vida e também é a morte. É tudo e é nada. Tabu e mistério.

Movidos por este misto de realidade e fantasia, muitos filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, antropólogos e psicólogos atravessaram a história estudando e discutindo a morte e suas arestas. Fonte de inspiração de poetas, músicos, artistas: a morte - simultaneamente temida, vista como uma mina inesgotável de angústias e ansiedades - fascina e encanta como fenômeno natural e inevitável.

Aprendemos, ao longo da vida, a lidar com esta partida ou chegada. Contudo a forma como reagimos diante da experiência da perda e a concepção que construímos dela tendem a se alterarem de acordo com o contexto histórico e cultural. Assim, a contemporaneidade fez emergir uma nova visão sobre a morte.

As ponderações pertinentes a este tema foram buscadas através de uma pesquisa, que utilizou como método a revisão bibliográfica abrangente e multidisciplinar de artigos, compreendidos no período de 2000 a 2007, publicados em revistas indexadas no Scielo, MedLine, Lilacs e PsycInfo, nas áreas de Psicologia, Sociologia e Filosofia, bem como livros especializados. Utilizaram-se as palavras-chave: vida; morte; contemporaneidade; luto. As publicações foram examinadas seguindo as perspectivas da análise temática (Minayo, 2000): procedeu-se a leitura, a seguir a identificação dos eixos temáticos e o destaque de seus respectivos sentidos.

Ausência da Certeza

Houve um tempo em que a morte ocorria apenas nos campos de batalha ou na casa do moribundo, lembra Bromberg (1996). No conforto do lar, junto aos entes queridos, o moribundo tinha seu último desejo atendido. Atualmente, este momento não é mais visto ou compartilhado, é escondido no silencioso e frio hospital. Aos entes queridos não cabe mais cobrir o defunto, prestar-lhe as últimas homenagens, mas sim, prontamente, providenciar a

contratação da empresa funerária. Esta, em contrapartida, impõe valores que evidenciam como é caro morrer, no entanto ninguém ousa questionar estas práxis da cultura capitalista.

Kübler-Ross (1998) aponta que, atualmente, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, mecânico e desumano. Aqueles que morrem são preparados a esperar sempre um pouco mais de vida até o derradeiro minuto, porque (raras exceções) o saber médico não tem nada a dizer sobre o fenômeno da morte, já que seu principal objetivo é encontrar alternativas de vida.

Assistimos, nos jornais e seriados da TV, à exibição de numerosas mortes, algumas das quais apresentadas em detalhes (geralmente bastante sanguinolentos). Nem por isso, a morte transforma-se em um fenômeno sobre o qual possuímos alguma experiência ou domínio. (Leis, 2003)

Ao tradicional medo, soma-se agora a estética da negação. A morte, na sociedade contemporânea, é evitada de qualquer maneira, não apenas pela repressão de sua presença, mas também pela sutil crença na imortalidade. Conforme a expressão de Bauman: foi ele não eu - então está tudo bem (Bauman, 2006).

Nota-se que especulações afloram alguns aspectos em detrimento de outros e banalizam a morte. Permanentemente vemos e ouvimos referências a ela, porém referências externas a nós.

A morte, nas sociedades pré-modernas, foi definida por Ariès (1977) como romântica, pois as pessoas sofriam, sentiam e refletiam sobre a própria morte, na ocasião do falecimento dos outros. Havia intimidade com o morrer, ninguém precisava de uma representação simbólica ou externa para saber do que se tratava. Naquela época, milagres do além eram esperados, hoje, se esperamos por alguma coisa, esperamos por soluções mágicas vindas da ciência e da técnica.

Quando pensamos em morte, pensamos na perda das pessoas que amamos. A perda, porém, é muito mais abrangente em nossa vida, pois perdemos não só pela morte, mas também por abandonar e ser abandonado, por mudar e por deixar coisas para trás e seguir nosso caminho. Nossas perdas não incluem apenas separações e partidas dos que amamos, mas também a perda consciente ou inconsciente de sonhos românticos, expectativas impossíveis, ilusões de liberdade e poder, ilusões de segurança – e a perda de nosso próprio eu jovem, o eu que se julgava para sempre imune às rugas, invulnerável e imortal.

Neste sentido, Kastenbaum e Aisenberg (1983) consideram que o ser humano lida com duas concepções em relação à morte: a morte do outro, da qual temos consciência, embora esteja relacionada ao medo do abandono; e a concepção da própria morte, a consciência da finitude, na qual evitamos pensar, pois para isto, temos que encarar o desconhecido.

A Despedida da Partida

Apesar da fragilidade das redes sociais da contemporaneidade, estar ao lado de alguém que está se apagando, como uma vela, é sempre uma experiência singular e tocante. Pincus (1989) observa que há muitos fatores que interferem nas respostas à perda, tais como: a forma da morte, o conhecimento prévio, a preparação para sua chegada. Isto tudo porque a morte, como perda, supõe um sentimento, uma pessoa e um tempo.

Todos nós ouvimos incontáveis vezes pessoas declararem que a morte ideal é aquela que acontece durante o sono, sem a presença da doença, sendo a pessoa vitimada por algum mal súbito. Esta é uma sedutora proposta de nossa cultura: a morte como surpresa, sem que tenhamos tempo de percebê-la, de conviver com sua sombra e, principalmente, sem precisarmos sofrer qualquer angústia em função de sua chegada lenta e cruel.

A morte do outro nos fala sempre de um vínculo que se rompe de forma irreversível. Nele estão envolvidas duas pessoas: uma que é perdida e outra que lamenta a falta, como se um pedaço de si tivesse ido (Kovács, 1992). A ambivalência de sentimentos em relação à perda surge inevitavelmente: há certo prazer pela morte do outro (já que não fui eu) e há uma dor profunda.

A notícia da morte, por vezes chocante, vai dando lugar à experiência de sobreviver à falta e ao conseqüente abandono do outro. Acusações, raiva, culpa fazem parte do conjunto de emoções vividas pelos enlutados.

Decisões e responsabilidades caracterizam este momento também como desprovido de contexto social. Por mais que estejamos cercados de pessoas, o fato é que não participamos mais de uma sociedade dominada pela tradição, pela linguagem e pelo coletivo, portanto a atitude diante da morte do outro é individual. Isso inclui as decisões quanto às práticas fúnebres, desprovidas de uma estrutura social forte, que nos permitiria saber fazer o correto, de modo adequado.

Sozinhos, sentimos raiva e ódio da pessoa morta, tal como uma criança odeia a mãe que vai embora. Como a criança, tememos que nossa raiva, nosso ódio, nossa maldade a tenha

afastado de nós. A culpa vem cobrir nossos maus sentimentos e também o que fizemos e o que não fizemos pela pessoa que se foi.

Para aliviar a culpa, investimos em idealizar a pessoa morta como perfeita. Estas formas de reparação por nós buscadas sugerem que, na realidade, admitimos que a pessoa está morta. Contudo, a esperança de que tudo vai ficar bem e a necessidade urgente de procurar reaver a pessoa perdida provocam verdadeiras evocações. Pelos sonhos, pelas fantasias ou pela religião, buscamos dar sentido ao que aconteceu. Na procura pelos mortos, tentamos nos convencer que eles ainda estão conosco e não nos deixaram pequenos, indefesos e abandonados.

Buscamos em nosso convívio social o jeito de ser, o olhar, a voz e outras infinitas características daqueles que se foram na tentativa de encontrar uma pequena parte deles que nos console. Vieira (2005) considera que a perda não está nesta ou naquela característica isolada da pessoa que morre, porque atributos podem ser encontrados às dúzias no mundo. O autor expõe que a morte leva consigo a possibilidade de uma série de traços estarem reunidos, somados a um dizível a-mais. É este a-mais, que faz desta pessoa um objeto de desejo, no qual depositamos nossa libido. Parece evidente, portanto, que a diferença entre o cadáver e o corpo vivo está justamente nesse irrepresentável.

Neste processo, lamentar para aceitar a morte dos que amamos parece ser a receita que resulta em identificações como forma de abrigar em nós aspectos ou atributos dos que se perderam de nós para sempre. Ao tomarmos a pessoa morta, para que faça parte do que pensamos, sentimos, amamos, queremos e fazemos – tornamos possível mantê-la conosco, embora a deixemos partir.

Nessas ocasiões, segundo Kovács (1992), a expressão de sentimentos é fundamental para o desenvolvimento do processo de luto. A autora lembra, no entanto, que cada cultura apresenta prescrições próprias de como a morte deve ser enfrentada e sobre os comportamentos e rituais a serem cumpridos pelos enlutados.

Este processo, entretanto, não é simples nem linear. Podemos por isto ficar presos às lamentações sem conseguir ultrapassar a sensação de vazio, atolados num estado de dor intensa e irremediável, agarrados, sem alívio, ao sofrimento, à raiva, à culpa, ao ódio, à depressão. Instala-se, então, um processo difícil e crônico, de maneira que nos sentimos incapazes de seguir vivendo.

A libido que estava ligada àquele objeto fica livre novamente para ser reinvestida em novas relações. Além da falta irreparável, de acordo com Rezende (2000), sempre resta uma bagagem interna que deve ser novamente incorporada. O desligamento envolve lembranças, expectativas vinculadas à pessoa e a realização do desinvestimento de cada uma delas, o que pode ser lento, doloroso. Por vezes, o processo do luto passa a ser patológico.

A psicanálise contribui com a melhor compreensão da elaboração do luto. Em 'Luto e Melancolia', Freud (1917) lança hipóteses que se constituem em base para qualquer estudo que aborde o tema.

Freud explica que o objeto morto (e objeto é um conceito amplo, que implica não só pessoas inteiras) instala-se no ego do enlutado, funcionando como objeto ao mesmo tempo protetor (bom) e perseguidor (mau). Kovács (1992, p. 103) considera que isso se deve “à ambivalência dos seres humanos, à dualidade de suas fantasias inconscientes, derivadas de aspectos relativos à vida e morte”.

Como já mencionado, o trabalho de luto envolve a tarefa de recolhermos a libido e as fantasias destrutivas que estavam dirigidas ao objeto perdido para ligá-las a outro objeto. Essa energia, quando não encontra outro objeto para se ligar, volta-se para o nosso ego e para a figura morta que introjetamos. Kovács (1992) aponta que, no luto mal-elaborado, os objetos introjetados predominantes da pessoa que partiu são os persecutórios (maus), resultando em lutos patológicos e em quadros melancólicos em que a depressão é persecutória, carregada de culpa.

Se a libido presa ao objeto perdido não consegue ser toda reinvestida em um próximo objeto, carregamos conosco parte daqueles que se foram. Por vezes, a identificação com o objeto morto é tanta que, inconscientemente, passamos a viver como mortos também. A melancolia, conforme Oliveira (2001), é um exemplo típico destes casos. De acordo com esta autora, as fantasias suicidas ou mesmo o suicídio passam a ser uma saída para que ocorra a eliminação total deste objeto.

Klein (1981) estabelece uma importante relação entre o processo de luto e os estágios iniciais do desenvolvimento infantil e as perdas iniciais que nos fundam no mundo. Ela afirma que aqueles que não conseguem elaborar o luto, na infância, não conseguiram estabelecer os seus objetos internos bons, não se sentindo, portanto, seguros.

Atualmente, o sofrimento não aparece, é ausente ou costumeiramente adiado para evitar a dor da perda. No entanto, quer ele se manifeste visivelmente ou não, a morte pode ter

efeitos prejudiciais sobre a saúde mental e física dos que ficam, grande número dos quais não consegue lidar com tal idéia. Sem dúvida, a perda de alguém próximo é um estressante a ser considerado. A maioria dos estressantes aumenta o risco de doenças físicas e mentais, pois nos encontramos expostos, suscetíveis e frágeis diante do que não podemos controlar ou programar.

Kastenbaum e Aisenberg (1983) lembram que não somos emocionalmente tão vulneráveis à ameaça objetiva de morte a que o falecimento do outro nos remete, tendo em vista que mecanismos tradicionais de defesa do ego aliviam o sofrimento. Os autores destacam como os mecanismos mais comuns utilizados: a negação - que vai isolar os sentimentos, minimizar as circunstâncias, formar ilusões para vivermos apenas no presente; a projeção - que geralmente assume a forma de ilusões persecutórias ou confortadoras que nos converte em mártires, ela não nega a morte, mas empresta-lhe dignidade e significação; a ruminação obsessiva - que faz com que pensemos raivosamente em outras coisas, qualquer coisa, assim o pensamento depressivo é enxotado da consciência por uma multidão de outras idéias.

Bromberg (1996) denomina a separação como uma catástrofe do Ego, em virtude da ameaça do próprio ser em se sentir morrendo junto com o outro. Destaca ainda que os mecanismos de defesa surgem como modo de evitar a morte psíquica sob a forma de depressão, paralisação da vida, cisão psicótica ou suicídio. A autora ressalta, no entanto, que essas defesas são frágeis vitórias contra a morte, tanto mais frágeis quanto mais rígidas e inflexíveis forem.

Bromberg (1996) assinala alguns mecanismos que podem aparecer: a agressividade, manifestada na raiva, no ódio àquele que nos abandonou, numa tentativa de desvalorizá-lo; a indiferença, caracterizada pelo pouco caso, na tentativa de anestesiá-la dor; a fuga para adiante, mantendo as atividades como forma de não sucumbir ao desespero, preservando a auto-estima e o valor; o estoicismo, como forma de manter o ego forte - eu agüento; a conformação/resignação, como submissão ou como rebelião silenciosa, a qual é muito valorizada em nossa sociedade, uma vez que o silêncio e a força diante da dor são altamente desejáveis.

Essas formas de defesa e proteção podem ocorrer em diversas seqüências, alternando-se, complementando-se ou se opondo. De acordo com as experiências vividas e as características de personalidade de cada um, podemos encontrar um mecanismo mais típico,

em determinado funcionamento psíquico que em outro. Cada um tem, portanto, um jeito singular de perder.

Ao pensarmos sobre a morte daqueles com quem tivemos contato, estamos, de acordo com Pincus (1989), pensando inevitavelmente em aspectos de nossa própria existência, incluindo aqui o envelhecimento e a própria morte. A possibilidade da morte, conforme a autora, está presente a todo o momento da vida e esta consciência tem um poder transformador no que diz respeito ao tipo de relação que estabelecemos com o viver.

Freud enfatiza que nosso passado, com todos os seus desejos glamourosos, terrores e paixões, habita nosso presente e torna-se fundamental. Aquela região fora de nossa percepção modela os fatos de nossa vida, logo a conscientização ajuda a reconhecer o que estamos fazendo e a compreender o que sentimos, ampliando o campo de nossas escolhas e possibilidades.

O Desafio da Chegada

A estrada do desenvolvimento é marcada por renúncia. Durante toda a vida crescemos desistindo. Abrimos mão de alguns dos nossos mais profundos vínculos com outras pessoas. Deixamos para trás certas partes muito queridas de nós mesmos.

Nosso desenvolvimento fisiológico, psicológico e social não segue uma linha uniforme, mas progride por ondas descontínuas, cada uma delas constituindo o que Nasio denomina “crise de crescimento” (Nasio, 2003, p. 106). O autor destaca que, por ocasião de cada crise, saímos do conhecido para enfrentar o desconhecido; deixamos um estado confortável, para nos lançarmos à conquista de novos poderes, seja no plano da sensibilidade, da inteligência, da motricidade ou da sociabilidade. Assim, “toda crise é um salto para frente” (Nasio 2003, p. 106).

Precisamos largar nosso nana³ e enfrentar o sonho que sonhamos, bem como os relacionamentos íntimos e também o que jamais teremos e o que jamais seremos. Investimentos emotivos nos fazem frágeis às perdas. Por melhores que sejamos, temos de perder o colo, o peito da mãe, o bico - perdas definitivamente ligadas ao crescimento que definem muito de nossa identidade mais profunda.

³ Expressão introduzida por D. W. Winnicott como Objeto Transicional. É utilizada para designar um objeto material que possui um valor eletivo para o bebê e a criança pequena, particularmente no momento do adormecer. O recurso a objetos deste tipo é um fenômeno normal que permite à criança efetuar a transição entre a primeira relação oral com a mãe e a “verdadeira relação de objeto”, conforme Laplanche (2001, p. 327).

Winnicott (1945) considera que o bebê necessita abandonar o útero após o término do período gestacional. O autor destaca que, após este tempo, as condições de vida passam a ser precárias e insuficientes. O bebê vive, inevitavelmente, a primeira dor necessária, abandonando o paraíso perdido.

Quando somos lançados para fora do útero sem apartamento, cartão de crédito, emprego ou profissão, começamos nosso caminho de perdas e frustrações. Nossa mãe nos oferece sua proteção e ganhamos tudo o que nessa hora necessitamos. Esta seria a mãe suficientemente boa, definida por Winnicott (1975) como aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui, gradativamente, conforme o bebê vai adquirindo capacidades para tolerar os resultados das futuras frustrações.

Aos poucos, somos tomados pela difícil tarefa de nos tornarmos um ser à parte. Mahler (1993) diz que o nascimento biológico e o psicológico não coincidem no tempo, porque o primeiro evento é delimitado e observável e o segundo é um processo intrapsíquico de lento desdobrar. A autora refere-se ao nascimento psicológico como o processo de separação-indivuação, que tem suas maiores aquisições neste período. Essa fase, seguida de um período simbiótico⁴ de desenvolvimento, implica a aquisição do desenvolvimento autônomo, na presença da mãe e com sua disponibilidade, somos, porém, continuamente confrontados com ameaças mínimas de perda deste objeto de amor, acarretadas por cada passo do processo de maturação.

Descobrimos, no entanto, que, mesmo física e emocionalmente longe da mãe, existe vida também. Ela nos deixa sós para trabalhar, fazer compras ou para se ocupar com outras atividades, mas retorna. Se, porém, não estivermos preparados para sobreviver sem ela e entender que suas ausências são temporárias, o preço dessa separação pode ser alto demais. Privados, desejando e precisando da mãe, sofremos, às vezes, pela vida toda. Em alguns casos, a mãe volta depois que uma grande cicatriz já se fez, quando amar e confiar outra vez passa a ser impossível diante do medo de perder novamente.

As separações na primeira infância produzem, sem dúvida, tristeza e dor. Contudo, dentro do contexto de um relacionamento afetivo e estável, dificilmente deixam cicatrizes. Cesar afirma que, quando as condições são favoráveis para haver a separação mãe-criança, o 'objeto materno' dá lugar a novos investimentos feitos pela criança, buscando em outros objetos a aquisição da unidade e da identidade (Cesar, 2003, p. 119).

⁴ Período definido por Mahler (1993) como aquele em que a criança não se diferencia do exterior.

Quando, porém, as separações põem em perigo a primeira ligação primordial, é difícil criar confiança, segurança e adquirir a convicção de que durante a nossa vida encontraremos, porque merecemos encontrar, outras pessoas que satisfaçam minimamente nossas necessidades. Cesar (2003) salienta que se, ao invés de novos investimentos serem feitos pela criança, ela permanece lutando para reter a mãe, revivendo repetidamente a perda, resulta um sentimento de vazio proveniente desta ferida.

A primeira experiência de perda vivida na infância é fundamental para definir nosso jeito de lidar com o mundo quando adultos (Viorst, 1986) . Por vezes, esperando o abandono, nos tornamos muito dependentes ou fazemos exigências excessivas. Esperando a traição, nos detemos à procura de falhas e, sem nos darmos conta, lembramos nossa história esquecida e poderosa, em novos cenários, com novos atores e a todo o momento. Desta maneira, a perda que nos funda no mundo pode conviver conosco durante toda a vida, influenciando nossas expectativas e respostas diante dos outros e nosso modo de enfrentar futuras perdas, necessárias ao desenvolvimento.

Os estudos de Melanie Klein (1936) foram decisivos para a compreensão das perdas no processo de desenvolvimento, reforçando de forma indiscutível a tese de que novas conquistas exigem o abandono das anteriores, superando aquelas que são de um funcionamento psíquico menos evoluído para um novo, mais evoluído e complexo. Nasio (2003) salienta que progredimos naturalmente, mas, às vezes, regredimos, seguindo cada um o seu próprio ritmo. O autor destaca que uma criança que regride e não supera o obstáculo é sempre uma criança que não se sentiu pronta para ir adiante.

Neste caminho de superação, de idas e vindas, o sentido de segurança antes presente somente junto à mãe, passa a ser sentido longe dela. Sem conhecermos o perigo, caímos e levantamos sem ao menos chorar. Tudo é novo. A mãe, antes tão necessária concretamente, passa a ser uma referência, uma sombra interna.

Em busca da autonomia e da independência, descobrimos em nós uma identidade capaz, repartida em uma parte boa e uma parte má. Encobertos por sonhos e investimentos dos que nos cercam, vamos tentando harmonizar ou integrar estas duas partes. Somos aceitos e suficientemente perfeitos. No começo, sozinhos não conseguimos, mas com o apoio da mãe interna descobrimos e reconhecemos nossas necessidades e sentimentos como nossos. Segundo Cesar (2003), se algo falhar nesse processo de integração, a cisão permanece para manter separados o bem do mal, a alegria da tristeza, a ternura da paixão.

É então que o pai, no contexto lacaniano, aparece como figura importante neste caminho em que também descobrimos o ódio. Somos apresentados ao mundo da fantasia e do faz de conta, nos identificamos com os mais diferentes super-heróis e, de repente, nos apresentam a lei, o corte, o fim, o não. Então caímos na realidade e descobrimos que não somos tão poderosos como imaginávamos. Entre o papai e a mamãe, chega uma hora em que definitivamente sobramos. Nasio (2007) diz que nenhuma criança escapa desta experiência, em que, absorvidos por um desejo incontrolável, temos que aprender a limitar nosso impulso ao corpo infantil, aos limites da consciência, ao medo e, principalmente, aos limites da lei que ordena que paremos de tomar nossos pais como objetos sexuais.

Nasio (2007) afirma que o essencial da crise edipiana é justamente aprendermos a canalizar um desejo transbordante. O autor destaca ainda que essa experiência fica registrada no nosso inconsciente e perdura até o fim da vida como uma fantasia que define nossa identidade sexual, determinando diversos traços de nossa personalidade e ainda fixa nossa aptidão em gerir conflitos afetivos.

Vivenciando crises também crescemos e passamos a entender que nem tudo é possível. Passando da união para a separação, do eu separado para o eu culpado, damos um grande salto. Apreendemos a amarrar os sapatos e vamos descobrindo que não estamos seguros nem livres. É difícil, mas reconhecemos, neste processo de autonomia, que pai e mãe erram e não são perfeitos.

Raivas, conflitos e desejos moram em nós e nos movem para onde não temos domínio, começamos então a nos afastar cada vez mais de casa. Primeiros amigos, primeiros professores - como esquecer que também os perdemos? Se estamos vivos e sentimos algo diferente por alguém, pronto, começamos a perder também nosso corpo infantil.

Levisky (1995) considera que a adolescência é caracterizada por um processo de perdas da identidade infantil, pela constituição de um novo esquema corporal, pela evolução da sexualidade, por transformações cognitivas como os mecanismos de defesa e o recolhimento ao mundo interno (idealizações de si mesmo como defesa aos sentimentos confusionais e depressivos decorrentes da perda dos pais idealizados).

Outro fator a considerar é o que Cramer denomina 'luto desenvolvimental', processo em que ocorre a perda do estatuto de filho para o de pai (Cramer, 1993 p. 42). O autor refere-se a esse período como repleto de identificações introjetivas com nossos próprios pais e projetivas em relação ao filho. Este luto pode, porém, ter também características patológicas,

na medida em que, neste momento, são reativados conflitos, faltas e falhas da infância (Cramer, 1993).

Nesse processo, novos desafios apresentam-se e seguimos escolhendo, perdendo e ganhando. Chegará o momento da chegada e da partida dos filhos, por vezes, do grande amor, até antes, dito como eterno. A perda ou despedida do emprego – a aposentadoria um dia chega - e também a perda da agilidade de jovem, da visão, da saúde, enfim também envelhecemos.

Kovács (1992) destaca que, durante nosso processo vital, passamos por várias mortes: fases do desenvolvimento, separações, doenças e psicose. Algumas destas situações, segundo a autora, são universais como as fases do desenvolvimento e as separações, outras não, como as psicoses e as doenças. Porém, em nenhuma delas, ocorre a morte concreta e as pessoas sobrevivem, muitas vezes mais do que sobrevivem, reorganizam e ressignificam a vida, como em algumas doenças e perdas. Kovács afirma que isso ocorre na evolução do desenvolvimento. Ele conclui que morreremos várias vezes, mas não definitivamente e continuamos a viver com estes significados adquiridos.

Chegada e Partida na ‘Era do Vazio’

Vamos nos lapidando em nosso desenvolvimento, perdendo e ganhando. Contudo, a maneira como vivemos e interiorizamos valores e crenças sofre influência direta do mundo em que estamos inseridos. O contexto social torna-se peça-chave para entendermos como se dá a relação do sujeito contemporâneo com as experiências de perda. Nesse processo de maturação, de acordo com Soares e Dantas (2006), herdamos estruturas simbólicas, que elaboramos e modificamos ao longo da vida. Os autores afirmam que o quadro cultural de cada momento histórico funciona como a matriz da produção da sociedade, regulando o comportamento das pessoas. Desta maneira, conhecer a realidade, historicamente ancorada e constituída por sujeitos que a representam e simbolizam, é essencial.

A contemporaneidade faz emergir um conjunto de características que difundem formas específicas e únicas do ponto de vista histórico - de ser, de sentir, de estar no mundo -. De fato, entramos na era do exagero, caracterizada pelo hiperconsumo, pelo hipernarcisismo, pela hipermodernidade que nos propõe uma nova ética entre responsabilidade e irresponsabilidade, individualidade e coletividade. Nessa nova lógica, estabelecer um sentido para a nossa

existência é um desafio, porque é nesta lógica que estamos também construindo nossos imaginários sobre as coisas da vida e da morte.

Ao observarmos o quanto, atualmente, as pessoas sentem dificuldade de ser e sentir, descobrimos que elas não sabem lidar com as suas tristezas, não sabem como suportá-las. Buscam, por isto, na Psicologia, na Medicina e em outros campos, formas para conviverem (ou de preferência, exterminarem) com esse estado tão incomodativo.

Há consenso de que a depressão é um sintoma moderno, fruto de nossa sociedade individualista e consumista, na qual os ideais estão sempre colocados muito além de nossas necessidades e/ou possibilidades. Ser bem sucedido, ter o carro do ano, o corpo sarado, o companheiro bem apessoado etc. são itens de consumo que ganham estatuto de sinalizadores de felicidade.

A depressão passa a ser então uma das inúmeras facetas com que o sujeito pode contar para se relacionar com o mundo, talvez mal-relacionar, porém que o singulariza e pode propiciar algumas mudanças importantes em sua vida.

Segundo Ribeiro (2007), a Psicanálise explica que o deprimido é um enlutado com a vida, atormentado por uma perda, da qual nem ele sabe explicar, mas que faz buraco na sua existência, marcando uma dimensão de desamparo. Uma dor moral, uma dor psíquica repleta de dilemas identitários, conflitos de escolhas amorosas ou de trabalho constituem-se em fontes de sofrimento psíquico que, muitas vezes, recebem o nome genérico de depressão.

O consumismo, de acordo com Costa (2004), surge como peça central nestas transformações contemporâneas, pois princípios e valores foram se configurando e alteraram conceitos como os de felicidade e relações de troca, produzindo novos efeitos nas construções identitárias. Essas modificações, segundo o autor, estendem-se, de forma ampla, nas relações de trabalho, nos espaços urbanos, na relação com o corpo, no convívio social, nas formas de comunicação e nas configurações familiares, entre outros aspectos. Como consequência disso tudo, surgem novos arranjos psíquicos que proliferam violências, excessos e desamparos.

O paradoxo entre o excesso e a moderação, em relação às infinitas ofertas que nos atraem todos os dias, fica evidente diante da desestabilidade emocional e da fragilidade em que nos encontramos. O difícil exercício do autocontrole tenta equilibrar aquilo que precisamos efetivamente e aquilo que queremos em excesso. Por um lado, somos levados pela onda que valoriza princípios como saúde, prevenção, equilíbrio; por outro, a lógica do excesso nos arrasta em uma avalanche e nos leva a revelar comportamentos excessivos. No

campo da alimentação, observamos a proliferação de comportamentos anoréxicos, que sinalizam uma patologia do excesso de controle, e de comportamentos bulímicos, que encobrem patologias do excesso de consumo.

Lipovetsky (2004) aponta outro paradoxo não menos importante. Ele enfoca, por um lado, o grande número de pessoas que denunciam o aumento da violência e da barbárie em nossa sociedade e também o aumento do hedonismo⁵ individual que invade os padrões tradicionais de controle social, permitindo o livre curso de toda a sorte de comportamentos irresponsáveis. Por outro lado, destaca que temos de admitir que os direitos do homem jamais foram vividos de modo tão consensual como hoje e que valores como a tolerância e o respeito às diferenças jamais foram tão vividamente manifestados e defendidos como atualmente.

Há poucas décadas, conforme Melman (2003, falar em gozo individual era tabu, hoje é um imperativo. O modelo de civilização anterior a este era marcado pela ordem, poupança, sobriedade e por valores como virtude e solidariedade. Hoje, destaca Rudinesco (2000), o imperativo de felicidade vem se somando ao dever de não sofrimento, de não mais se entusiasmar com ideais comunitários e sociais, mas sim com a normalização do desejo.

Estamos mergulhados no 'cyberespaço' e em tantas outras tecnologias e seus excessos, mas também estamos envoltos por novos e diferentes laços sociais, aceitos a duras penas, como as novas configurações familiares. A lógica contraditória atual brota em nossos conflitos e medos diante da complexidade e imprevisibilidade do presente. Mudaram o ambiente social e a relação que estabelecemos com o presente, com isso, o medo impera e domina diante do futuro incerto que assusta e inquieta.

Zimerman (2004) diz que nem tudo pode ser explicado pela lógica mecanicista e faz referência aos estudiosos da natureza humana que reconhecem, no entendimento do homem moderno, os conceitos de incerteza, negatividade, paradoxalidade e relatividade, que conduzem a um estado caótico universal, tanto negativo, quanto positivo.

Os fenômenos da morte e da vida que sempre andaram juntos, agora andam separados pela técnica e pela ilusão de que a vida pode ser estendida infinitamente, afirma Leis (2003). O aumento das opções tecnológicas aumenta também os riscos, dada a diminuição de nossa capacidade de prever ou de ter certeza sobre os acontecimentos futuros.

⁵ Tendência de buscar o prazer imediato, individual, como única e possível forma de vida moral, evitando tudo o que possa ser desagradável (Chemama 2005).

A urgência virou sintoma na nossa relação com o tempo, como produto e produtor da sociedade contemporânea. A ilusão de que se pode possuir, submeter ou dominar o tempo, segundo nosso desejo, revela nossa real vontade de triunfamos sobre a morte. Porém o controle de quando será o dia do juízo final ainda não está à venda na prateleira do supermercado, para ser adquirido com cartão de crédito, a ser pago em parcelas a perder de vista.

Para muitos, o dia-a-dia parece uma espécie de louca corrida individual em busca do bem-estar, da felicidade, do sucesso, do desenvolvimento pessoal, da novidade, da excelência. A medida de bem-estar parece proporcional à medida de urgência de excessos de capacidade para fornecer sempre mais rapidamente as respostas apropriadas. ‘O tempo não pára’, como diz a música de Cazusa.

Nesse contexto incerto, seria lógico darmos maior atenção ao fenômeno da morte, mas não é isso que acontece. Paradoxalmente, a morte perde importância e a insegurança aumenta. Escondida, a morte deixa de ter o caráter de embate e passa a ser uma representação externa a ser assistida, uma vez que nossa vida cotidiana é penetrada pelas tragédias alheias, apresentadas pelos meios de comunicação.

Para Kübler-Ross (1998), a sociedade tem transformado a morte em uma representação externa a nosso eu. Quando nos sentimos ameaçados, corremos a pedir auxílio para a ciência e para a técnica. Leis (2003) acredita que a falta de contato físico e espiritual dos seres humanos com a experiência da morte está certamente vinculada à não menos crescente necessidade de assistir à morte como um espetáculo, como uma representação simbólica.

Viver em um mundo cheio de oportunidades – cada uma mais apetitosa e atraente que a anterior, cada uma compensando a anterior e preparando o terreno da mudança para a seguinte – é uma experiência divertida. Bauman (2001) destaca que, nesse mundo, poucas coisas são determinadas e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos irreversíveis, mas nenhuma vitória é tão pouco final. Conforme o autor, é justamente esse mundo, que reforça a concepção de eternidade, que ignora o fim inevitável.

É fato que a morte foi afastada para longe da vista de homens e mulheres contemporâneos, conforme Bauman (2006, p. 123), ela “não é mais visível”. Não constitui mais uma parte do destino humano que mereça ser encarada em toda sua majestade e

devidamente respeitada. Foi rebaixada à condição de catástrofe deplorável, como um tiro de pistola ou um tijolo que cai de um telhado. Tendo um lugar de puro horror e vista como uma traição cometida por todas as ilusórias facilidades vigentes. A vida passa a ser considerada instantânea, sem projetos a longo prazo que a orientem ou a regulem rumo a seu término. Ela é vivida de um dia para outro até que, por curiosa coincidência, não haja dia seguinte (Bauman, 2007).

Os excessos constituem, na atualidade, a base dos mal-estares. Caridade (2000) considera que, nos tempos de Freud, o excesso era de controle, hoje é de liberação e de ausência de interditos que estruturam os sujeitos e a cultura.

Nessa dança das cadeiras, a morte é, certamente, o maior dos interditos, por isso é tão ignorada, é assistida e não sentida ou elaborada. O importante passa a ser não entrar em luto, uma vez que ele envolve defrontar-se com o grande sofrimento da perda e com uma longa e penosa elaboração, que não afasta em definitivo o ser perdido. Segundo Figueiredo (2003, p. 56), o que resta em nossa sociedade ao indivíduo é o recurso, cada vez mais profundo e radical, da “desafetação e congelamento dos afetos e a posição de observador desengajado da sua própria tragédia”.

Resta-nos formamos vínculos saudáveis e importantes desde o início da vida, uma base segura é construída dentro de nós. É com esse recurso que contamos quando vivenciamos perdas. Nessas circunstâncias, de acordo com Oliveira (2001), o sentimento inicial de perda vivido na infância é revivido. Sem a base segura, não encontramos defesas suficientes contra esse tipo de situação de ameaça, tornando o sofrimento mais intenso. Aqui encontramos, conforme Zimerman (2004, p. 21), aqueles casos que a psicanálise contemporânea tem chamado de “patologias do vazio”.

A queixa inicial desses pacientes recai em uma angústia existencial quanto ao sentido do porquê e para quê continuam vivendo. O eixo do sofrimento não gira mais em torno dos clássicos conflitos resultantes do embate entre pulsões e defesas, mas sim o giro se faz predominantemente em torno das carências, provenientes das faltas e das falhas que se instalaram na primeira infância - verdadeiros buracos negros à espera de serem preenchidos rapidamente. Conforme Cardoso (2004), muralhas defensivas contra a angústia do desamparo, de desmoronamento psíquico, contra os medos de uma perda de identidade e ameaças de não existir como pessoa são erguidas constantemente. Para evitar sofrer decepções, desilusões, culpas, o melhor recurso é abusar do controle, do triunfo e do desprezo sobre os demais.

Em meio a este enorme vazio, os mecanismos internos que devem ser acionados no momento em que vivenciamos uma perda não são acessados. Logo a anestesia de sentir prevalece. Ocorre então uma fuga desesperada deste vazio, porque aceitá-lo é perceber que as coisas acabam e todos morrem um dia. As coisas também acabam porque já cumpriram seu papel e podem ser descartadas ou trocadas por novas (Bauman, 2006).

Considerações Finais: A Partida da Chegada!

Após essas reflexões, percebe-se o quanto crescemos, perdemos e ganhamos instrumentos, capacidades e habilidades, em maior ou menor grau, para encarar a corrida pela fuga e pela busca da felicidade, do sucesso pessoal e profissional. A realidade cruel nos mostra, no entanto, que o chocolate acaba, o efeito da droga passa, o remédio não faz mais efeito, os laços e redes sociais se esgaçam, a ciência também erra. A corrida antes tão necessária nos deixa no mesmo lugar e o filme de nossos dias perturbados faz com que as emoções não sejam mais tão tocantes.

Então chegamos ao fim, o peito se esvazia, o colo se afrouxa, as mãos se gelam e nós morremos. Mas será que este ciclo frenético realmente se encerra para sempre? Não há resposta científica para isso e um leque enorme de crenças religiosas se encarrega, incansavelmente, de responder a este questionamento. Partida da chegada! Passa a ser a questão central dessa trama, na medida em que pudermos analisar a maneira como vivemos os exageros contemporâneos, evitando pensar no final de nossos dias. A morte também ensina e nos fortalece, se estivermos dispostos a senti-la intensamente como parte da vida, afinal, somos constituídos por perdas.

É necessário, portanto, sentir! Mas sentir tem sido tão difícil atualmente. O vazio existencial de muitos não encontra o caminho que leva à elaboração da perda. O trauma, antes localizado no passado, apresenta-se no cotidiano como lesão a ser reparada. A tristeza e tantos outros sentimentos companheiros habituais da morte mostram-se menos convincentes e sem uma subjetividade pessoal assinalada. A luz a ser acesa, nesses casos, é uma escuta que rompa os sentidos fixos e silenciados há tantos anos, apostando na real implicação do sujeito com os fatos e afetos. Essa aposta, contudo, não deve ser dirigida a algum resultado pré-determinado ou ideal, mas, fundamentalmente, ser parte de quem se coloca como suporte para que o outro

possa aí lançar-se ao embate com a vida, supondo que exista, *por trás do véu*, um lugar ao sol nutrido de esperança.

Se faz necessário que, além disso, um longo caminho de aprendizagem social e existencial seja refeito para lidarmos com a morte, o que implicará um novo lidar com a vida. Não nos esqueçamos, porém, que, se o mundo tem pressa e a vida se acelera, na corrida do pensamento, ganha aquele que for mais lento.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BROMBERG, M. H. P. F. **Vida e morte: Laços da existência**. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- CARDOSO, M. R. **Limites**. São Paulo: Escuta, 2004.
- CARIDADE, A. (Dês)Caminhos do prazer na contemporaneidade. **Revista Symposium**, n.4, p.5-8, dez. 2000.
- CESAR, F. F. **Dos que moram em móvel-mar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. **Dicionário de Psicanálise**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismos na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- CRAMER, B. **Técnicas Psicoterápicas Mãe/Bebê: Estudos Clínicos e Técnicos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FIGUEIREDO, L. C. **Psicanálise: Elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2003.
- FREUD S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago 1974. 14v.
- SOARES, J. C.; DANTAS, M. A. Considerações sobre a morte e o morrer na hipermodernidade. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812006000200008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2007.

- KASTENBAUM, R.; AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- KLEIN, M. (1936). **Amor, culpa, reparaçã o e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. **Psicanálise da Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KÜBLER-ROSS, E. **A morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEIS, H. R. The society of the living. *Sociologias*, Porto Alegre, n.9, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100012&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 15 set. 2007.
- LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LIPOVETSKY, G.; SÉBASTIEN, C. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- MAHLER, M. S. **O Nascimento Psicológico da Criança**. Porto Alegre: Arte Médicas, 1993.
- MELMAN, C. **O homem sem gravidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000.
- NASIO, J. D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. **Um psicanalista no divã**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- OLIVEIRA, M. T. **O Psicanalista diante da morte**. São Paulo: Mackenzie, 2001.
- PINCUS, L. **A família e a morte: Como enfrentar o luto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- QUINTANA, A. M. A atitude diante da morte e seu efeito no profissional de saúde: uma lacuna da formação? **Revista Psicologia Argumento**, n.30, p.45-50, abr. 2002.
- RIBEIRO, M. S. M. Quem tem medo de depressão? **C. da APPOA**, Porto Alegre, n. 158, jun. 2007.
- RUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- UNIVERSIDADE do Vale do Rio dos Sinos. **Normas da ABNT 2007**. Disponível em <<http://www.unisinos.br/biblioteca>> Acesso em: 18 mai. 2006.
- VIORSY, J. **Perdas necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WINNICOTT, D. W. **Textos selecionados da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.